

Os quixotes matam-se

OFORTE da Graça em Elvas, construído no séc. XVIII, é pesadelo logo no início: os carros de trabalho requisitados aos lavradores, os jovens presos, soldados à força. Contas feitas andavam seis mil homens a monte, herdades e campos ao abandono. Em 1856 criou-se ali uma companhia de correcção que só em 1989 foi desactivada. A forma é pentagonal irregular, dez bocas de fogo, mas não há água e os condenados tinham de ir buscá-la até à fonte na parte de trás, oposta à porta de armas. «**Reuni os reclusos para a barrilada que, além de castigo era água necessária para os gastos do pessoal do forte. (...) Os reclusos não podiam vir com o barril meio, ou mesmo quase cheio, porque fazia balanço. Tornava-se mais difícil de transportar. Junto às bicas estava sempre uma sentinela de serviço**»: António Gil, o cabo Gil, um dos assassinos do capitão Almeida Santos, major Dantas Castro no romance de José Cardoso Pires, *Balada Da Praia Dos Cães*, ed. O Jornal, 1982; Dom Quixote real do drama chamado na altura «Da Praia do Guincho».

A 3 de Abril de 1960 pescadores encontram na Praia do Mastro o cadáver de um desconhecido, «calçava sapatos trocados (...) e meias de lã em bom uso. Cronómetro de pulso marca Tissot MM parado nas 05.27.41 ho-

ras. Não foram encontrados documentos, haveres ou quaisquer referências pessoais. Nas regiões a descoberto algumas peças do vestuário apresentavam-se rasgadas pelos cães». José Cardoso Pires encadeia no relatório policial e constrói um dos melhores livros desta língua tramada. Elias Santana, o Covas, chefe de brigada com problemas digestivos, vícios de ouvido, adora dizer e ouvir palavões ao telefone, à solta de uma obra pícara adaptada ao nosso pobre tempo, conduz a cegada. Haverá país mais burlesco do que este, fluvial, desaguando de novos ricos, mulas de Sé pomposas, arriadas de títulos sobrepostos, doutor, senhor professor doutor, excelentíssimo senhor patego, almirantíssimo senhor pato bravo. Cardoso Pires pega Portugal de cernelha e não o larga sem lhe fazer bolsar a pesporrência, a idiotia pequenina, o vitupério manso, a cobardia imputrescível. «**É um país de Sanchos Panças, que tem como símbolo popular o manguito. E eu penso que são precisos D. Quixotes...**», desejo de escritor, sonho irrealizável na poça, desperdício, onde as rãs coaxam que querem ser bois à viva força. O chefe Covas «**veste habitualmente casaco de xadrez, calça lisa e gravata de luto (para os devidos efeitos) com alfinete de pérola adornada; caranguejo de ponteiros fluorescen-**

tes, marca Longines, que usa no bolso superior do casaco com amarra de ouro presa à lapela; farolins de lentes grossas, à toupeira, com comportamento mortício; carece de capilares no couro cabeludo, o crânio é pautado por cabelinhos poucos mas poupados, e distribuídos de orelha a orelha». Investiga, dissecava, espiolha. A Filomena Joana Vanilo Athaide, a Mena, (nome fictício de Maria José Maldonado Sequeira, julgada envolvida no crime verdadeiro), 23 anos, solteira, amante do capitão assassinado, cozinha-a devagar, à Inquisição; enquanto ao arquitecto Renato Manuel Fontenova Sarmiento, na vida, aspirante-médico João Jacques Valente, o outro matador do major, quase não interroga, nem ao Barroca, cabo e assassino, rebelde de nascimento, como confessa o original, António Gil, no seu «**depoimento**», *O Drama da Praia do Guincho*, A Regra do Jogo, 1984. O chefe Covas «**recebeu-os já confessados e passados a limpo dentro de um dossier da Pide**».

A história do crime é exemplar, dois militares presos no forte da Graça em Elvas, após a intenção da Sé em 59, fogem, ajudados por um cabo que os guardava e que à última hora resolve também evadir-se. A amante do capitão encaminha-os para casas isoladas onde viverão durante meses em «huis-clos». Começam os ciúmes, suspei-



tas, violências, diferenças de classe acutilam. E cerra-se a praça até à morte do touro. Execução do mais forte, Almeida Santos, idealista sem ponderações, tibiezas ou abandonos. Utopista ou doído completo? Dom Quixote sempre. No meio está Portugal sentado no banco dos réus. Mafalda Ivo Cruz em *Um Requiem Português*, Presença, 1995, onde se sente pulsar a mesma história, emite julgamento magoado, canto fúnebre do país exausto — «**Os anos 40 em Portugal eram: um cemitério, um baldio, o mar. Um carro na marginal. O vento. As ondas. Ninguém. Matilhas de cães à solta nas praias**».

Mas a sentença de Cardoso Pires sai truculenta, rabelaisiana, às vezes impagável dentro da triste-

za. Começa o livro em 64/65 pois tivera acesso a autos e fotografias e Jacques Valente dá-lhe de viva voz resumo do sucedido. «**Resolvi então ir para o romance-reportagem, (...) e comecei a ver aquilo em termos de ficção. Não me interessava o crime em si, mas antes o clima, um país que se mitifica, um país que a esquerda inventava numa sociedade inquisitorial**». O resultado é tão notável quanto o luso horizonte desanima. O cabo Gil confessa-lhe espanto por vê-lo acertar nas coisas ao inventá-las. Hermann Broch já descobrira: «**O romance, que não descobre uma porção até então desconhecida da existência, é imoral**».

FÁTIMA MALDONADO